



sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i2p317-319

Dossiê espetáculo: Christiane Jatahy

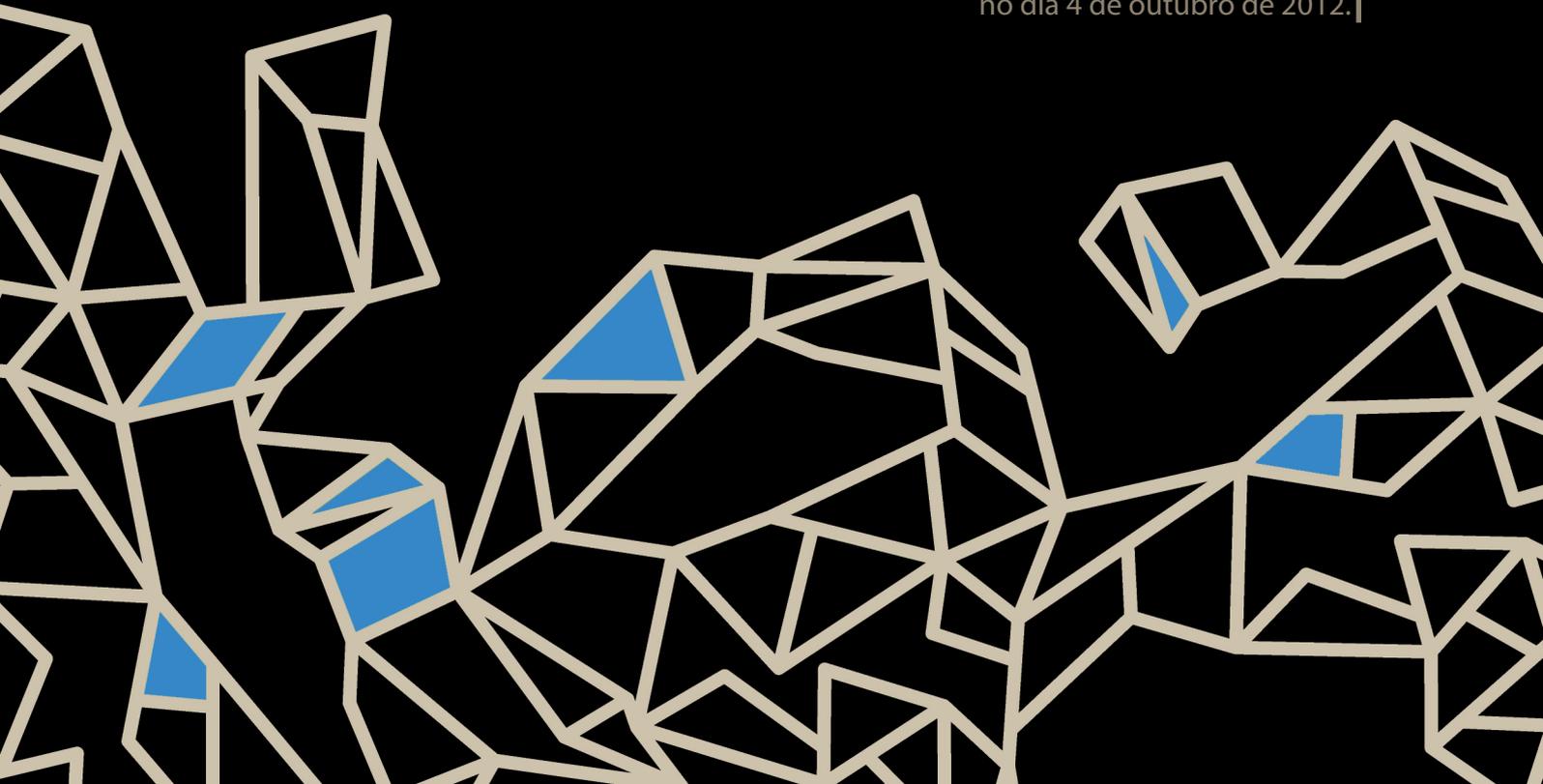
# Tensões e acomodações da representação\*

Luiz Fernando Ramos

**Luiz Fernando Ramos**

Professor associado do Departamento de Artes  
Cênicas da ECA/USP e do PPGAC da USP

\*Esta crítica foi publicada na Folha de S. Paulo  
no dia 4 de outubro de 2012.



## Crítica

Tensões entre gêneros. *Julia*, adaptação de Christiane Jatahy da peça de August Strindberg (1849-1912), coloca em pauta não só a guerra dos sexos, ou as diferenças entre cinema e teatro. Explicita, também, a tensão entre sistemas distintos de representação.

*Senhorita Júlia* (1888) é a peça que demarca a adesão de Strindberg às bandeiras do naturalismo de Émile Zola (1840-1802). Seu prefácio é um manifesto do autor por um teatro que revele a força dos nossos instintos biológicos. Na trama, uma adolescente nobre não resiste aos encantos de um servo, e se vê desafiando interditos morais e econômicos.

Na montagem de Jatahy prevalece um jogo entre cenas projetadas, mediadas por câmera instalada no centro da ação dramática, e cenas interpretadas pelos atores em carne e osso. Essa variação de linguagens leva o olhar do espectador a uma permanente oscilação.

À alternância entre ver a cena na tela e percebê-la simultaneamente, ao vivo, soma-se o embate entre um drama pleno, que quer iludir o espectador sobre sua veracidade, e um drama esburacado, que acena para o público buscando diálogo e assumindo-se como fingimento.

Ainda assim, a ambição da Cia Vértice de embaralhar as identidades de atores e personagens, desenvolvida em outros trabalhos, não se efetiva de fato. Curiosamente, a malha ficcional, mesmo com a tensão entre métodos expositivos, permanece coesa, quase que enriquecida pelos rasgos que sofre em sua apresentação.

A opção de abrigar o conflito de classes do original, acrescentando a negritude do empregado como fator de atração e repulsão no transporte amoroso, confere ao espetáculo uma força excedente. Remete à dialética erótica entre senhoritas e escravos descrita por Gilberto Freyre (1900-1987) em *Casa Grande e Senzala*.

A coroar todos esses fatores, o desempenho dos atuantes é magnífico. Júlia Bernat, como a menina moça perdida entre seus desejos e o despreparo para encarar suas conseqüências, é uma revelação. Rodrigo dos Santos, como o serviçal astucioso e simplório, se mostra convincente nos vários registros que lhe são exigidos.

*Julia* atualiza um texto já clássico com singularidade e contundência, além de explorar novas possibilidades de narrativa espetacular. São credenciais que avalizam a montagem como imperdível.

Recebido em 16/10/2015

Aprovado em 20/10/2015

Publicado em 21/12/2015

